

Persuasão e malandragem no Auto da Compadecida

Sonia Maria Dal-Sasso, sdsasso@uol.com.br

1. Mestre em Letras pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF), MG;
professora de Língua Portuguesa na Faculdade de Minas (FAMINAS), Muriaé, MG.

Artigo recebido em 16/09/2008 e aprovado em 16/10/2008.

RESUMO: Neste texto, fez-se uma leitura da personagem João Grilo no texto literário e na versão cinematográfica **Auto da Compadecida**. Na análise da persuasão, abordou-se a retórica sob a ótica de Perelman e Olbrechts e utilizou-se da teoria de Antonio Candido em **A personagem de ficção**. Na discussão das artimanhas de João Grilo, aplicou-se a teoria de Roberto da Matta que aborda os paradoxos da malandragem na subversão de valores correntes. Evidenciou-se também a relação entre as personagens João Grilo e Pedro Malasartes: estereótipos de heróis na cultura brasileira.

Palavras-chave: Auto da Compadecida, retórica popular, personagens, malandros e heróis.

RESUMEN: **Persuación y pillería en lo Auto da Compadecida.** En este texto, se hace una lectura del personaje João Grilo en el texto literário y en la version cinematográfica **Auto da Compadecida**. En el análisis de persuación, se abordó la retórica sobre la óptica de Perelman y Olbrechts y se utilizó la teoría de Antonio Candido en **El personaje de**

ficção. En la discusión de las artimanas de João Grilo, se aplicó la teoría de Roberto da Matta que aborda la paradoja de la pillería en la subversión de valores corrientes. Se evidenció, también, la relación entre los personajes João Grilo y Pedro Malasartes: estereotipos de héroes en la cultura brasileña.

Palabras llaves: Auto da Compadecida, retórica popular, personajes, pillón y héroes.

ABSTRACT: In this text, a reading of the personage João Grilo was done in the literary text and in the cinematographic version of **Auto da Compadecida**. In the analysis of the persuasion, the rhetorical was approached under the point of view of Perelman and Olbrechts and the theory of Antonio Candido in **A personagem de ficção** was used too. In the discussion of João Grilo's cunning, the theory of Roberto da Matta that approaches the paradoxes of the hustling in the current worthy subversion was applied. It also showed up the relation between the personages João Grilo and Pedro Malasartes: stereotypes of heroes in the Brazilian culture.

Keywords: Auto da Compadecida, popular rhetoric, personages, cunning and heroes.

Introdução

“Retórica é a arte de persuadir pelo discurso”, arguta Olivier Reboul (2000, p. 14). O estudioso afirma ainda que retórica é levar a crer e não necessariamente o levar a fazer. Se, do contrário, leva a ação, sem crer, não é retórica. Perelman e Olbrechts, em **Tratado de argumentação** (1996), entendem a retórica como o estudo de técnicas discursivas que aumentam a adesão do interlocutor às teses apresentadas. Assim, na retórica clássica, tem-se o conjunto de técnicas para se comunicar com o interlocutor, no intuito de controlá-lo e fazê-lo participar de um sistema de valores.

Consoante os autores, é fundamental a uma teoria da argumentação a idéia de auditório, de que todo discurso é dirigido a um auditório. Portanto, deve-se considerar que os mecanismos de argumentação dependem da relação entre argumentador e seu público; na medida em que se muda o auditório, consideram-se novos métodos. A língua comum ao enunciador e ao enunciatário, o fato de manterem relações sociais, o desejo do enunciador de entrar em

comunicação, a atenção e o interesse do enunciatário são condições prévias de argumentação e caracterizam uma espécie de contrato entre destinador e destinatário.

Diana Barros, reproduzindo Perelman e Olbrechts, afirma que a argumentação apresentada a um auditório particular busca persuadir o ouvinte a realizar uma ação imediata ou futura. A distinção entre convencer e persuadir depende do auditório representado pela enunciação e vincula-se a dois tipos de manipulação: a cognitiva e a pragmática. Convencer é fazer crer e persuadir é fazer fazer. Daí, depreende-se que a argumentação depende de acordo entre enunciador e enunciatário, postos como condições da eficácia do fazer argumentativo.

I – A personagem e a retórica popular

No texto literário **Auto da Compadecida**, a função do enunciador é exercida pelo palhaço, o condutor do espetáculo à maneira circense. Ele se dirige ao público anunciando o que está por vir e fazendo comentários. Ele não se mistura à peça. Aparece no prólogo do início de cada ato e no epílogo. Assim se faz presente no início do primeiro ato, anunciando em altos brados o que vai acontecer; também apresenta quem virá à cena, anuncia a aparição de Nossa Senhora no momento propício para triunfo da misericórdia. É ele, o palhaço, que indica ao público as convenções do cenário, e se retira do palco. No terceiro ato, dá ao público uma série de explicações indispensáveis à transposição de temas populares ao ambiente culto. No enterro de João Grilo, o palhaço tem a função de figurante. Já no epílogo, ele encerra a história explicando as fontes populares da peça e solicita aplausos ao público. Estabelece-se assim a relação entre enunciador e auditório, na personagem do palhaço que conduz o espetáculo e na personagem João Grilo, astuto, esperto e altamente persuasivo com suas artimanhas.

Se a persuasão se faz através da personagem, necessário se faz abordar a diferença entre romance e teatro e caracterizar a personagem. Antonio Candido (2005, p. 68-87) afirma que tanto o romance quanto a peça teatral narram uma história que supostamente aconteceu num lugar, num determinado tempo, a certo número de pessoas. Destaca-se, porém, a personagem na diferença dos dois gêneros. No romance, a personagem é um elemento entre vários outros e, no teatro, ela constitui a totalidade da obra, nada existe senão através dela. Tanto o teatro quanto o romance falam do homem, mas o teatro o faz através do próprio homem, da presença viva e carnal do ator. A personagem teatral para se dirigir ao público dispensa a mediação do narrador. A história nos é mostrada como se fosse a própria realidade. Isso torna o teatro particularmente

persuasivo às pessoas, sem imaginação suficiente para transformar a narração em ação, assim, frente ao palco em confronto direto com as personagens, elas acreditam nesse tipo de ficção. O poder persuasivo do teatro pode ser evidenciado na valorização dos pedagogos ao teatro infantil e pelos jesuítas ao utilizarem o palco para catequizar o gentio.

Parafraseando Antonio Candido em **A personagem de ficção**, pode-se dizer que a personagem do romance difere-se da personagem do teatro. Neste gênero, é necessário não só traduzir em palavras, tornar consciente o que deveria permanecer em semiconsciência, mas ainda comunicá-lo de algum modo através do diálogo ao espectador, já que o espectador não tem acesso à consciência moral e psicológica da personagem, como ocorre no romance. Segundo o autor, há três formas de se caracterizar uma personagem de teatro: o que a personagem revela sobre si mesma, o que ela faz, e o que os outros dizem a seu respeito. No estudo da personagem na peça, o primeiro aspecto a ser observado é o que a personagem revela sobre si, e isso ocorre de duas formas. A personagem pode falar de si ou através de um confidente ou do monólogo. O confidente é o desdobramento do herói, o alter ego, o empregado ou amigo perfeito perante o qual deixamos cair as nossas defesas, confessando inclusive o inconfessável. Já o monólogo tem-se na perspectiva de que a personagem está efetivamente sozinha, em conversa consigo mesma. No entanto, esses recursos não podem ser usados de forma exaustiva. No teatro, a personagem ignora um jeito coerente de se fazer conhecer pelo que manifesta de si própria. Ignora por que está lançada numa situação caracterizada pela ação concentrada e precipitada em que não há lugar para pausas explicativas.

Assim, pode-se dizer que João Grilo fala de si através do amigo Chicó, pois nas artimanhas que traça sempre envolve o amigo. Chicó, de natureza fraca e romântica, é irremediavelmente frouxo, porém é também um contador de mentiras, meros devaneios que constituem apenas histórias fantásticas que terminam em si mesmas. Ele altera, num tempo mínimo, as histórias, tornando-as incoerentes e fantásticas, inaceitáveis no mundo real e, ao ser questionado sobre seus disparates, ele simplesmente diz o famoso refrão "Não sei, só sei que foi assim". Suas mentiras são apenas mais uma história de Chicó. Astucioso, João Grilo mente por esperteza, é uma questão de sobrevivência. Suas mentiras dão seqüência a narrativa, João Grilo é o manipulador dos desejos e das vaidades alheias, vive de explorar as fraquezas de outrem. Dotado de retórica popular, ele consegue persuadir, ou seja, leva as outras personagens a crer para, assim, passar a ação, a qual é realizada por ele mesmo. Para isto, conta com o conhecimento de seu público alvo ou destinatário, como afirmam os estudiosos de retórica. Pode-se confirmar essa menção na seqüência em que o major Antônio Moraes fala a João Grilo "dizem que você é embrulhão, abusado e

cheio de nove horas”, mas lhe dá emprego, após João acertar as três perguntas que o major lhe faz.

João Grilo:

Emprego, trabalho, serviço, tarefa, qualquer coisa serve.

Major Antônio Moraes:

Tua reputação não é das melhores.

João Grilo:

Ah, seu major, está querendo que pobre não tenha defeito?

Major Antônio Moraes:

Você é embrulhão, abusado, cheio das nove horas.

João Grilo:

Meu senhor, é tanta qualidade que exigem para dar emprego que eu não conheço um patrão com condições de ser empregado.

Major Antônio Moraes:

Vamos fazer uma aposta: lhe faço três perguntas, se você acertar ganha o emprego.

João Grilo:

Agora, não tenho o que perder.

Major Antônio Moraes:

Tem sim. Se errar, arranco uma tira de seu coro.

João Grilo:

Danou-se! Eu topo, só falta convencer minhas pernas que não param de tremer.

Major Antônio Moraes:

Qual é a distância de uma ponta do mundo a outra?

João Grilo:

Um dia de jornada que é o tempo que o sol leva para percorrê-la.

Major Antônio Moraes:
O que que tem acima do rei?

João Grilo:
A coroa.

Major Antônio Moraes:
Em que eu estou pensando agora?

João Grilo:
Em me ganhar.

Major Antônio Moraes:
Muito bem, João Grilo. Você é sabido mesmo.

João Grilo:
Mais sabido é o senhor que agora manda em mim
(sequência 8).

Ilustra ainda o poder de persuasão de João Grilo, dado ao conhecimento do auditório, o fato de ele, sabendo da ambição do padre e do bispo, oferecer-lhes dinheiro para que enterrem o cachorro de Dora. Cita-se também a venda do gato que descome dinheiro para Dora. Isto foi também possível perante o conhecimento da fraqueza da patroa por animais e por dinheiro. A quem João não persuade? Até mesmo no julgamento ele se intromete e dá palpites. Sugere o purgatório ao padre, ao bispo, ao padeiro e a sua esposa; pede intercessão de Nossa Senhora; zomba do diabo, dizendo ser ele um misto de tudo que ele não gosta na vida: promotor, sacristão, cachorro e soldado de polícia. João Grilo remonta uma vasta galeria de anti-heróis espertos, que compensam a fraqueza física e a falta de poder numa gama de estratégias com as quais engana quem com eles convivem. Ele seria uma encarnação de Pedro Malasartes e uma reformulação da personagem Arlequim da **Commedia del arte**, relaciona-se com o folclore brasileiro nas personagens astutas, abusadas e mentirosas.

A dupla João Grilo e Chicó, na verdade, são duas faces de uma mesma personagem. O primeiro arquiteta tudo e o segundo ajuda, quando não é o executor da ação. João Grilo é o agente de Chicó. Arruma-lhe o emprego na padaria, intermedia os encontros de Dora e Chicó, inclusive os ajuda para que o marido, padeiro, não descubra a traição, engana o major Antonio Moraes dizendo ser o amigo fazendeiro, advogado e valente, tornando-o pretendente de Rosinha, o que resulta no casamento dos dois.

Chicó é a representação máxima da persuasão de João Grilo. Ele, confiante na astúcia de João, cumpre cegamente o que o amigo determina e ainda se envolve nas mentiras improvisadas do malandro. Exemplo disto é quando Dora e o marido, ao descobrir o engano, vão atrás de João reaver a quantia que ela pagara pelo gato que descomia dinheiro. João finge ser acometido de peste bubônica, simula alucinações, e Chicó confirma a mentira explicando aos patrões as conseqüências da doença, ajudando o amigo a se safar da situação, inclusive simula até o enterro deste. Há de se falar ainda na sintonia entre as duas personagens seja na confirmação das mentiras de João Grilo por Chicó, seja na execução por Chicó dos planos arditos de João, seja no estereótipo de malandragem do brasileiro representado nas personagens, os dois constituem um único enunciador. Desta feita, tem-se a segunda forma de se caracterizar a personagem de teatro – o que a personagem faz.

Já para a terceira característica – o que as pessoas dizem da personagem – tem-se João Grilo o ideal da expectativa popular. Ele luta e supera os poderosos sem usar de violência, ludibria as personagens ditas espertas e consegue aquilo de que precisa, manipula ações da sociedade em torno de seus desejos, trazendo à tona de maneira catártica o desejo recalado da camada menos favorecida de se vingar dos opressores. O malandro representado na personagem João é destituído de ganância, a ambição que lhe é conferida é, simplesmente, o saciar a fome. Ele jamais sonha em ser rico e explorar os outros, quer apenas estar bem. Nesta personagem, o malandro não é mau-caráter, ele próprio afirma, ao ser contratado pelo padeiro, que se esqueceu de dizer ao patrão que o cabra trabalhador não viera naquele dia, diz ter vindo o preguiçoso, e deita-se debaixo da mesa. Apesar desta passagem, ele aparece trabalhando de fato, tirando o pão da fornalha, atendendo ao balcão, carregando cestos cheios de pão, acordando Chicó para a labuta. Quando perde o emprego na padaria, ele vai logo procurar outro na fazenda do major. Isso mostra que o pícaro não é um herói sem caráter, ele carrega o jeitinho brasileiro de resolver as coisas, inverte as desvantagens em vantagens, o que o identifica ao povo brasileiro.

II – Os heróis malandros: João Grilo e Pedro Malasartes

Roberto da Matta, ao discutir os paradoxos da malandragem, em **Carnaval, malandros e heróis** (1981), afirma ser o malandro uma espécie de folião, que surge, no Carnaval, de uma subversão de valores correntes. Ele é a personagem marginalizada, criativa, livre, solitária e, na maioria das vezes, desvia-se das regras da estrutura social. O malandro subverte a ordem social, mas não a modifica. Ele não é revolucionário, preocupa-se principalmente com a sobrevivência, e mantém um ponto de equilíbrio entre a ordem e a desordem, agindo sempre por vingança.

Conforme o autor, esta posição intermediária que faz do malandro uma personagem paradoxal, dotada de inconsistência em sua ânsia de justiça e in-conseqüência galhofeira, em sua esperança de um mundo diferente, e em conformidade com as leis e a ordem. Por viver nos interstícios e recusar os pontos focais da sociedade, não alimenta preocupações futuras: é a personagem do presente e das circunstâncias. Desta forma, tanto Pedro Malasartes pode ser tomado com protótipo do malandro e do herói das zonas ambíguas da ordem social, quando é difícil dizer onde está o certo e o errado (1981, p. 211- 214).

O herói na cultura brasileira constitui-se de preguiça, mentira, ócio, confiança desmesurada no futuro, e maus costumes, características vistas como naturais ao brasileiro. Na análise das formas rituais básicas da sociedade brasileira – carnavais, paradas, militares e procissões – Da Matta (1983, p. 203) constrói um triângulo de heróis, cada um, relacionado a um ritual e resultado da nossa composição identitária-europeu, negro, índio – cada um com sua característica própria. Assim, tem-se, nas procissões: santos, romeiros, peregrinos e renunciadores; nos carnavais: malandros, seres marginais e ou liminais; e nas paradas: caxias, autoridades, leis, quadrados. Percebe-se, aqui, que cada ponto contém posições sociais estereotipadas e reconhecidas em todas as camadas da sociedade brasileira. O herói brasileiro por excelência seria o malandro, o herói carnalizado, herói do jeitinho, da utilização da esperteza no combate aos poderosos, obtendo pequenas vitórias, mas atuando de maneira que as contradições do sistema dominante perpetuem. Desta feita, o autor resume o malandro pelo molde de Malasartes

Seu destino só pode ser entendido quando despimos nossos preconceitos de pequeno-burgueses para encará-lo com coragem sob luz forte do seu caráter, que é não ter nenhum caráter, e da sua mais absoluta consistência que é ser radicalmente ter inconsistente. Pedro não renuncia totalmente à ordem, mas também não fica na marginalidade. Sua escolha, sejamos finalmente claros, é da esfera intermediária, aquela zona das inconsistências onde – vale repetir – não ter caráter significa justamente o inverso: ser um homem de caráter e nunca, jamais, pretender reformar o mundo apresentando-se como grande exemplo. Este, creio, é o paradoxo final dos Malasartes e dos malandros (DA MATTA, 1981, p. 234-235).

O malandro seria o profissional do jeitinho, da arte de sobrevivência em situações difíceis. No imaginário do povo brasileiro, a malandragem é descrita

como uma ferramenta de justiça individual. Perante a força opressora das instituições brasileiras, o malandro, para sobreviver, manipula pessoas, engana autoridade e dribla as leis.

A descrição que Roberto da Matta faz de Pedro Malasartes condiz perfeitamente com a personagem João Grilo. Ele é o tipo ideal para realizar a expectativa popular, vence os poderosos sem usar de violência, ludibria os ditos poderosos. Historicamente, o Brasil é um país marcado pelas diferenças sociais, no qual se oprimem e se exploram os mais pobres, neste ínterim, o caráter perseguidor dos poderosos encarnado pelo malandro, João Grilo, libera o desejo recalcado das camadas menos favorecidas de se vingar dos exploradores.

Como a maioria das pessoas, o malandro não pensa em criar uma realidade alternativa, ele apenas quer corrigir um pouco o mundo principalmente as diferenças entre ricos e pobres, por isso, além de trapacear para sobrevivência, sua atitude é também um tipo de vingança social. Assim, ele conhece as fraquezas dos poderosos e faz delas uma arma ao combate às injustiças.

Vale ressaltar que, embora de natureza vingativa, manipulativa e até desonesta, o malandro não é sem caráter. João Grilo, apesar de safado e trapaceiro, trabalha e sua ambição é questão apenas de sobrevivência. Como a maioria das pessoas, ele sonha em ficar bem, mas não é ganancioso

João Grilo:
Solte o homem, Chicó

Chicó:
João, você está doido? Não está vendo que o homem passalhe fogo?!

João Grilo:
Solte o homem, Chicó.

Chicó:
Pois então tome!

João Grilo:
Eu não lhe disse que soltasse o homem? Na primeira visagem que eu fiz na frente dele, meti-lhe a faca na barriga!

Chicó:
João, meu filho, você é grande! Vamos embora!

João Grilo:
Nada disso, só saio daqui com o testamento do cachorro
(vai ao lugar onde está o corpo de Severino e tira o dinheiro)
(SUASSUNA, 2005, p. 110-111).

Ele saqueia o cadáver de Severino, mas só o faz porque sabia que o dinheiro pertencia ao padre, ao bispo e ao padeiro, agora mortos. É verdade que João Grilo planeja também ficar com a padaria de Eurico, porém só planeja após a morte do padeiro o qual não tinha herdeiros. Logo, ele, o Grilo, não estaria fazendo mal a ninguém. Ressalta-se ainda, em prol do caráter de João Grilo, o fato de ao voltar a terra e ficar sabendo que o amigo prometera todo o dinheiro saqueado de Severino a Nossa Senhora, João Grilo hesita em cumprir a promessa, mas opta por entregar à Santa o que a Ela pertencia, segundo os dogmas religiosos.

[...]

João Grilo:
Ah promessa desgraçada, ah promessa sem jeito, Chicó!
Não terá sido a metade que você prometeu?

Chicó:
Não, João, foi tudo.

João Grilo:
Ah promessa desgraçada, ah promessa sem jeito, Chico!

Chicó:
É, só reclama de mim! E você, por que achou de escapar?

João Grilo:
Acho que foi de tanta vontade que estava de enriquecer!
Não terá sido engano seu, Chicó?

Chicó:
Entrei na igreja me ajoelhei e prometi. [...]

João Grilo:
Eu não tenho nada com isso, não prometi nada.

Chicó:
Então fique com sua parte e assuma a responsabilidade. Eu vou entregar a minha.

João Grilo:

Chicó.

Chicó:

Que é?

João Grilo:

Espere por mim, eu também vou.

Chicó:

Vai!

João Grilo:

Vou.

Chicó:

Pois eu estava convencido de que você estava certo.

João Grilo:

É, mas faltou quem me convencesse. Se fosse a outro santo, ainda ia ver se dava um jeito, mas você achou de prometer logo a Nossa Senhora! Quem sabe se eu não escapei por causa disso? O dinheiro fica como se fossem os honorários da advogada. Nunca pensei que essa também aceitasse pagamento! (SUASSUNA, 2005, p. 168-172).

Enquanto em outras narrativas ficcionais os protagonistas sempre têm a recompensa pela ascensão social que restabelece a ordem no mundo, com o malandro de Suassuna isso não ocorre. João Grilo, e nem mesmo Chicó, não se integra na ordem estrutural, ou seja, não enriquece e nem ocupa o lugar daqueles que o exploravam. Observa-se que, mesmo Chicó casado com Rosinha, filha do rico major Antônio Moraes, eles terminam a narrativa, pobres. Os três caminham pelo sertão alegres e pobres. Ilustra essa característica a fala de Chicó “Todo mundo liso de novo”. Ou os dois. A dupla João Grilo e Chicó, após depositar o dinheiro aos pés da Santa, vê-se pobre novamente.

Se João Grilo remonta uma galeria de personagens, pícaros da literatura, e é a encarnação de Pedro Malasartes, não o é pelas mentiras, pela retórica e

pelas peraltices como meio de sobrevivência, apenas, há também situações que os relacionam como se pode ver a seguir.

Da Matta (1981, p. 215) afirma que Pedro Malasartes era o filho mais novo de um casal de velhos, o irmão era João. Dadas condições financeiras dos pais, os filhos tinham que sair do grupo doméstico e ganhar a vida. Assim, o mais velho, João se emprega numa fazenda cujo proprietário, rico e velhaco, fazia contratos impossíveis de serem cumpridos pelos trabalhadores e, assim, não pagava aos empregados. Rezava os contratos que os empregados não podiam enjeitar serviços, não podiam ficar zangados. Caso isso ocorresse, perderiam uma tira de couro do pescoço até o fim das costas. E é exatamente o que acontece com João: após um ano de serviço, volta a casa sem dinheiro algum e sem o couro das costas. Pedro Malasartes, astucioso e vadio, fica furioso com o que acontecera a seu irmão e sai em busca de vingança e, desse dia em diante, iniciam-se suas aventuras.

João Grilo também descende de uma família pobre, fica sozinho no mundo e tem que lutar pela sobrevivência. Usa então da esperteza para driblar a fome e as injustiças sociais, como afirma a Nossa Senhora na passagem do julgamento.

João Grilo:

E o senhor vai dar uma satisfação a esse sujeito, me desgraçando para o resto da vida? Valha-me Nossa Senhora, mãe de Deus de Nazaré, já fui menino, fui homem...

A Compadecida:

Só me falta ser mulher, João, já sei. Vou ver o que posso fazer. [a Manuel.] Lembre-se que João estava se preparando para morrer quando o padre o interrompeu.

Encourado:

É, e apesar de todo o aperreio, ele ainda chamou o padre de cachorro bento.

A Compadecida:

João foi um pobre como nós, meu filho. Teve de suportar as maiores dificuldades, numa terra seca e pobre como a nossa. Não o condene, deixe João ir para o purgatório (SUASSUNA, 2005, p. 156).

Bráulio Tavares (2007, p. 87) afirma que o **Auto da Compadecida**, por mais qualidades que tenha, é dominado pela presença de João Grilo e Chicó,

uma dupla cômica das mais eficazes. Com eles, Ariano Suassuna conseguiu realizar uma síntese bem sucedida, entre os diversos mundos que alimentam sua escrita. No circo, os dois correspondem àquela dupla de tipos circenses tradicionais, batizada pelo povo de o Palhaço e o Besta; o Cordel: os folhetos com histórias de João Grilo, Canção de fogo e Malasartes; a Memória pessoal: tanto João quanto Chicó correspondem, em muitos aspectos, a pessoas com quem o autor conviveu; e a Tradição Ibérica: João Grilo é um descendente do espanhol Pedro Urdermalas e em Portugal já existia uma personagem chamada João Grilo que pode ter sido a origem distante de João Grilo cordelesco.

O João grilo do cordel é criação do poeta João Martim de Athayde (1877-1959) um dos gigantes da literatura popular. O folheto transcrito na antologia **Literatura Popular em Verso** é datado de “juazeiro, 22/5/51”. [...] O personagem de Athayde é um caso típico de personagem de cabide da tradição picaresca, ao qual podem ser atribuídas as mais variadas aventuras, de qualquer origem, desde que não entre em contradição com seu perfil básico (TAVARES, 2007, p. 88).

No folheto citado, pode-se assim se caracterizar João Grilo. Primeiro ele aparece como menino irreverente que prega peças nos adultos, dentre eles, um vaqueiro um padre e um português, expondo-os ao ridículo. Em seguida desafia o professor para um torneio de adivinhas. O professor erra todas e João Grilo, ao contrário, não erra nenhuma. Depois, ao passar a noite em cima de uma árvore, ouve a conversa de alguns ladrões que combinam um encontro numa capela onde fariam a divisão de um roubo. João Grilo veste-se, então, de mortalha e assusta os ladrões que fogem e ele recolhe o dinheiro e o leva para a sua mãe. A convite de um Sultão, João Grilo aparece à corte e comprova sua fama de decifrador de enigmas, e ainda, ajuda o Sultão a resolver uma questão entre o duque e um mendigo.

Como última proeza, tem-se a festa no palácio do sultão. Grilo aparece mal vestido e é tratado com frieza por todos. À noite, ele aparece de traje elegante e é recebido com manifestações de respeito. Durante o jantar, ele derrama o vinho na roupa e coloca comida nos bolsos e, ao ser questionado sobre aquela atitude, ele diz que quem fora bem recebido foi a roupa, logo ela é que deveria jantar. Percebe-se que a personagem de Athayde é uma recolha de episódios da cultura oral, o que não é diferente com o João Grilo do **Auto da Compadecida**, herdeiro das três artimanhas: o enterro do cachorro, o gato que descomia dinheiro, a gaitinha mágica, colhidas no folclore por Ariano Suassuna.

Aqui, João Grilo é uma personagem completa e complexa. É um trabalhador, seu relacionamento com os poderosos (o padre e o major) não é episódico, mas sim o da convivência diária que é de se esperar em uma vila pequena; ele dispõe de um parceiro para os momentos cômicos em que cada um proporciona a piada ao outro. O Grilo do folheto só existe em função das proezas; o Grilo da peça é uma personagem mais completa, de perfil emocional mais variado (TAVARES, 2007, p. 89-91).

Além da origem humilde e da esperteza como drible às injustiças sociais, João Grilo e Malasartes se assemelham, seja fisicamente, seja psicologicamente e, até mesmo, em detalhes de alguns episódios em que suas artimanhas são evidentes. Malasartes é uma das personagens mais encontradas na literatura popular do Brasil. Ele sempre é apresentado com todos os clichês do típico homem do povo: magro, amarelo, aparentemente fraco, feio. Em especial, é finório e vive de suas artimanhas e espertezas. João Grilo também o é. Malasartes busca apenas seu prazer, não tem pretensões de fortunas, ludibria os poderosos não para lhes tomar o lugar, mas para garantir sua diversão. Ao obter uma quantia, ele a gasta toda e, ao ficar sem nada, recomeça o ciclo, sai em busca de outras aventuras para conseguir seus tostões. João Grilo também não tem pretensões de riqueza, quer apenas o seu bem estar. Vive o presente e mal sai de uma artimanha já vem preparando outra, reiniciando o ciclo.

E nos episódios? Quantas semelhanças! Exemplifica a semelhança **Um emprego para Pedro**. Após a morte de sua mãe, Pedro resolve atender a seu pedido e vai à procura de emprego. Encontra um fazendeiro que lhe dá serviço e diz que não tem dinheiro para pagar, explora-o dando-lhe de comer apenas pão duro, velho e seco. Malasartes descobre que o casal guarda sacas de ouro e então, como vingança, arquiteta um plano e a esposa do fazendeiro lhe entrega o ouro (PESSÓA, 2007, p. 21-26). No **Auto**, João Grilo reclama dos patrões Dora e Eurico que servem bife amanteigado ao cachorro e uma gororoba a seus empregados: ele e Chicó. Em **A biblioteca de Malasartes**, após encontrar um rico coronel numa venda, Pedro Malasartes o engana.

Coronel:

Então, você que é o Pedro Malasartes? Você é que engana todo mundo? Que é o rei da mentira?

Pedro Malasartes:

Que é isso coroné? Quem sou eu... o povo fala demais, seu coroné. Não vá atrás disso, não.

Coronel:

Se o povo fala, deve ter alguma verdade. A voz do povo é a voz de Deus. [...] Pois então eu quero ver você contar uma mentira agora. Quero ver se alguém daqui vai acreditar?

Pedro Malasartes:

Não vai ser possível, seu coroné. [...] O senhor acha que alguém vai acreditar numa mentira inventada por mim? O senhor acha que eu posso fazer isso sozinho? Eu preciso de ajuda.

[...]

Pedro Malasartes:

Eu leio essas mentiras nos meus Livro da Mentira! Uma coleção de quatro volumes!

Coronel:

Mas quatro volumes para contar mentiras? [...] Mas onde estão estes livros?

Pedro Malasartes:

Tão lá na minha palhoça. Na minha biblioteca.

[...]

Coronel:

E esses livros são bons? Vai pegar esses livros.

Pedro Malasartes:

Nessa chuva, coroné? Magrinho do jeito que eu sou posso pegar uma doença. Uma constipação. Posso até morrer.

Coronel:

Eu lhe empresto meu casaco de couro e meu chapéu. [...]

Vá no meu cavalo. É um alazão branco que está bem aí na porta (PESSÔA, 2007, p. 46-48).

Malasartes ainda diz ao coronel que não poderia ir, pois sua conta estava alta e ele não tinha dinheiro para pagar. Este paga a conta, o malandro sai e o coronel fica à espera de sua volta.

Ressalta-se, também, a semelhança entre as personagens picarescas em **Malasartes e o coronel sabido** (PESSÔA, 2007, p. 105-110), no qual Pedro

Malasartes chega à cidade Gato Pelado e fica sabendo que o coronel cobrava pedágio às pessoas para entrar na cidade. Para isso, ele usava como estratégia fazer três perguntas ao cidadão, se ele acertasse poderia entrar na cidade sem pagar o pedágio, caso contrário, teria que pagar. O coronel dizia ao povo que fazia isso, por bondade, para que o povo ficasse mais instruído. Pedro Malasartes, ao saber disso e de como funcionava a estratégia, pediu ao povo que lhe conseguisse uma roupa de padre, o que lhe foi entregue rapidamente. O pícaro vestiu a batina e foi para a porteira. O povo foi atrás. Ao chegar à porteira, vê o coronel gordo sentado numa cadeira de balanço que diz “Eita, eu nunca vi um sacerdote tão amarelo e esfarrapado”. Pedro então começa a falar com voz de padre, abençoa o coronel que, ao saber que o padre queria atravessar a cidade, lhe diz “o senhor, pelo visto, é novo por essas bandas. Mas eu explico: nesta cidade para passar para o outro lado tem que pagar pedágio”. O então disfarçado padre questiona o pedágio aos religiosos. O coronel então diz “E daí? Aqui só pagando pedágio! Mas... como sou bondoso e prezo pela cultura deste povo, permito que qualquer um passe sem pagar desde que responda a três perguntas que eu fizer”. E assim ocorre:

Coronel:

Primeira pergunta: onde é o meio do mundo?

Malasartes:

Mas essa é muito fácil! O meio do mundo é em qualquer lugar. Já que o mundo é redondo como uma bola. Qualquer lugar é o meio.

Coronel:

Axé! Silêncio! Que eu não quero ouvir barulho! Essa o senhor respondeu, mas vamos ver a segunda pergunta: qual a distância entre o céu e a terra?

Malasartes:

Em qualquer medida?

Coronel:

Na medida em que o senhor quiser.

Malasartes:

Pois eu não quero metro, nem quilômetro! Vou medir em virada de olho que é mais do meu agrado! E, nessa medida, a distância entre o céu e a terra é uma única virada de olho. Pra cima ou pra baixo. Fica ao gosto do freguês.

Coronel:

Estou vendo que o senhor padre é um homem muito inteligente. Foi o primeiro a chegar na terceira pergunta, mas dessa o senhor não escapa e lá vai ela... Neste lugar antes tinha um lago. Um lago grande que a seca fez sumir. E eu quero saber do senhor o seguinte: quanta água cabia neste lago?

Malasartes:

Esse lago era muito grande?

Coronel:

Muito seu padre!

Malasartes:

Dava pra tomar banho?

Coronel:

Com toda a certeza.

Malasartes:

Pois então este lago era do tamanho da caneca de meu finado pai. Meu pai tinha uma caneca tão grande... mas tão grande... que dava pra toda família tomar banho nela. E olha, que só de irmão eu tinha pra mais de vinte. Fora primo, tio e avô. Pois é esta a resposta: cabia nesse lago tanta água quanto cabia na caneca de meu finado pai! (PESSÔA, 2007, p. 106-107).

Passagem de muita semelhança no **Auto da Compadecida** é quando João Grilo responde às três perguntas do major Antonio Moraes para ganhar um emprego. Embora as perguntas sejam diferentes, pode-se dizer que o fim é satisfatório. João Grilo acerta e tem o que quer: o emprego; e com Malasartes não é diferente: põe fim ao pedágio do coronel e ainda leva todo o dinheiro arrecadado naquele dia com o pedágio.

Se Malasartes engana o poderoso e temido coronel, livra o povo da cidade Gato Pelado do tributo ilegal, e, ainda, lucra algum dinheiro, semelhante a isso, no **Auto**, são as trapças de João Grilo ao major Antonio Moraes. Primeiro prepara o encontro entre Rosinha e Chicó, depois o apresenta como doutor, valente, proprietário de várias fazendas e pretendente de Rosinha. Como se

não bastasse, compromete Chicó com as despesas do casamento e este assina um contrato dando de garantia uma tira de seu próprio couro. Fato que lembra a semelhança entre João Grilo e Malasartes. Este tem um irmão de quem fora tirada uma tira de couro, enquanto aquele compromete uma tira do couro do amigo Chicó. Aí, talvez, o João Grilo supere Malasartes, pois este não pôde evitar o acontecimento com o irmão; porém João Grilo compromete, mas livra o amigo do ato violento que seria cometido pelo major. Assim, após o casamento, quando o major descobre a presepada, e vai tirar o couro de Chicó, com mais uma artimanha, Grilo diz que o major pode arrancar uma tira de Chicó, porém não pode tirar uma gota de sangue o que torna impossível a ação do major. Percebe-se que tanto João Grilo quanto Pedro Malasartes são astutos, inteligentes e lutam contra as injustiças e defendem seus amigos ou aqueles que se encontram desprestigiados socialmente.

Embora Tavares (A.C. 2005, p. 175) afirme que, no **Auto da Compadecida**, o episódio do gato que defecava dinheiro foi inspirado no folheto de cordel, não se pode deixar de mencionar a semelhança com o episódio **Árvore que dava dinheiro** (PESSÔA, 2007, p. 61-68). Neste, Malasartes, após ter ganho de uma velhinha um sítio, põe-se a pensar em como tirar proveito dessa situação. Resolve passar melado na árvore e colar várias moedas, e, ao primeiro que ali chega, um banqueiro, Malasartes vende a árvore.

Banqueiro:
Não é que é dinheiro mesmo?

Malasartes:
Legítimo.

Banqueiro:
Eu quero uma árvore dessa!

Malasartes:
O senhor quer? Ih... doutor...aqui por essas banda é a primeira vez que eu vejo uma. Lá no oriente tem muita. Mas aqui... Nem sei como essa veio parar aqui. E, olha, essa terra seca é ideal para esse tipo de árvore. Ela custa a dar dinheiro, mas quando começa a dar... não pára nunca mais.

[...]

Banqueiro:
Venda, rapaz. Pago bom preço!

Malasartes:
Não sei... eu gostei daqui... Se bem que eu tenho que ir lá
pras banda do Norte. sou esperado lá e não sei se vou
poder voltar.

[...]

Malasartes:
Cadê o dinheiro?

Banqueiro:
Está lá na minha casa. Vamos lá buscar (PESSÔA, 2007, p.
65-67).

Malsartes aceitou. Montou no cavalo e foi para a casa do banqueiro. Este só imaginava a fortuna que ganharia com tal árvore. O amarelo, depois de receber uma boa quantia, pede licença e vai embora. Da árvore caíram as moedinhas que ainda estavam coladas no melado e mais nenhum centavo.

No **Auto**, João vende à Dora um gato que defecava dinheiro. Os dois malandros inventam algo que produz dinheiro, conhecendo a ganância dos burgueses lhe vendem o objeto de cobiça. Destaca-se também o episódio **A jumenta cinderela** (VIANNA, 1999, p. 128-132), a jumenta que defecava dinheiro. Importante salientar, mais uma vez, a retórica popular tanto de João Grilo como de Pedro Malasartes. Os dois, com suas artimanhas lingüísticas, conseguem ludibriar, desde o mais simples representante do povo até a classe privilegiada, sejam os coronéis, a burguesia e até mesmo o clero.

No **Auto da Compadecida**, João Grilo põe fim ao mais temido dos cangaceiros que acredita na história da gaita ressuscitadora (era a chance de ver o padre Cícero) conforme lhe disse Grilo, e ordena a seu próprio jagunço que lhe mate. Para esta proeza, João utiliza da bexiga retirada da cachorra de Dora e finge dar uma facada em Chicó. Finge, pois, na verdade, ele enfia a faca na bexiga que está sob a camisa de Chicó. Este cai e, ao toque da gaita, levanta dançando, simulando a ressurreição e ainda diz a Severino que o "Padimciço" queria vê-lo. Em **Malasartes, aventuras de um herói sem juízo**, Pedro e Carolina põem fim à vida de Margarida. Aqui objeto utilizado é um apito ressuscitador e uma bexiga com sangue de galinha. O pai, Antenor de Castro, vendo a ansiedade da filha Margarida, um dia antes do casamento, e após

assistir à encenação em que Malasartes matara Carolina e esta ressuscita, pensando em aliviar a filha da ansiedade, dá-lhe uma facada. Descobre o engano no dia do casamento quando toca o apito e a filha não acorda (VIANNA, 1999, p. 65-67).

Margarida:

Ai, ai, paizinho! Como o tempo custa a passar! Será que não daria para antecipar o casamento?

Antenor de Castro:

Já disse que não, minha filha!

Margarida:

Ai, paizinho, que eu não agüento. Quatro dias é tempo longo demais!

[...]

Antenor de Castro: eu posso matar essa menina, e depois, no dia do casamento, basta que eu toque o apito e ela viverá de novo. Não pode haver perigo, afinal, a peste da Carolina não ressuscitou duas vezes, bem diante dos meus olhos? E apanhando a faca bem afiada, Antenor cravou-a no coração da ansiosa Margarida. Tomou nos braços a defunta e depositou-a em sua cama. No dia do esperado casamento, Antenor entrou no quarto da filha e pôs-se a soprar o apito do doutor Espetaculum. Soprou que soprou e nada da morta ressuscitar (VIANNA, 1999, p.71-72).

Como se vê João Grilo e Pedro Malasartes são os representantes de uma cultura, aqueles que representam a arte de sobrevivência seja através da retórica, da esperteza e da malandragem. Eles são o malandro que, nas palavras da Matta (1981, p. 211-214), é uma personagem nacional. É um papel social à disposição de todo brasileiro para ser vivido no momento em que se achar que a lei pode ser esquecida ou burlada com certa classe ou jeito. No Brasil, pode-se ser caxias, como personagem típico do mundo das leis e da ordem; pode-se ser renunciador ou beato que quer estar fora deste mundo, quando se é religioso e se pretende fundar um modo de existência paralelo e, pode-se, também, ser malandro e jeitoso, político hábil e sagaz, quando não se enfrenta a lei com sua modificação ou rejeição frontal, mas apenas se passa em cima dela.

III – Considerações finais

Dotada de retórica popular, a personagem João Grilo de Ariano Suassuna identifica-se com tipos autenticamente brasileiros. Ela conduz todo o espetáculo, pois influencia as demais personagens à ação. Confirma-se, assim, seu alto poder persuasivo. Nesta personagem, vêem-se aqueles que, na luta pela sobrevivência, driblam as injustiças e as mazelas sociais, sobrevivem em condições subumanas e o fazem por meio de artimanhas, envoltas de criatividade, na tentativa de manter um ponto de equilíbrio entre a ordem e a desordem a que está exposto o povo brasileiro.

Desta feita, pode-se afirmar que tanto João Grilo quanto Pedro Malasartes são o representante de um modo de vida, de uma forma de navegação social nacional. Eles são o malandro, o profissional do jeitinho e da arte de sobreviver nas situações mais difíceis. Subvertem os valores, a ordem social, mas não a modificam. Buscam apenas uma forma de ser felizes numa sociedade injusta e desigualitária, e, sobretudo, uma possibilidade de proceder socialmente, um modo tipicamente brasileiro de cumprir ordens absurdas ou, até mesmo, impossíveis de serem cumpridas.

Referências bibliográficas

CANDIDO, Antônio et al. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

MATTA, Roberto da. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

PESSÔA, Augusto. **Malasartes histórias de um camarada chamado Pedro**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

PERELMAN, Chaim; TYTECA, Lucie Olbrechts. **Tratado da argumentação: a nova retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

REBOUL, Olivier. **Introdução à retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

SUASSUNA, Ariano. **Auto da Compadecida**. 35 ed. Rio de Janeiro: AGIR, 2005.

TAVARES, Bráulio. **ABC de Ariano Suassuna**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

VIANNA, Sérgio. **Pedro Malasartes: as aventuras de um herói sem juízo**. São Paulo: Resson, 1999.